

Radical, pero no mucho...

Conservadorismo marca terceira fase da Esquerda

POR ADRIANA GALANTERNICK, CRISTINA CAMARA, LUCIANA BARRETO E MARTA SILVA

A fase de sonolência que atingiu os setores de Esquerda em todo o mundo nas três últimas décadas finalmente ganhou uma explicação teórica. Quem se atreveu a falar sobre a aproximação das ideologias de Esquerda com as medidas práticas da Direita foi o historiador Eric Hobsbawm. No livro *O novo século* – resultado de uma entrevista dada ao jornalista italiano Antonio Polito –, o autor de *Era dos extremos* garante que o movimento de Esquerda passou por duas grandes fases distintas desde a sua origem na Revolução Francesa. Hobsbawm ainda afirma que, atualmente, vivemos em uma terceira etapa marcada pelo conservadorismo político e por propostas reformistas.

A primeira fase da Esquerda foi responsável pela inauguração do projeto de modernidade. Ironicamente, os pioneiros no desenvolvimento de uma ideologia própria de Esquerda foram os burgueses. As denominações Esquerda e Direita remontam da Revolução Francesa e nascem da luta burguesa contra monárquicos, absolutistas e aristocráticos. A nova classe detentora do poder econômico pretendia abocanhar o controle do Estado Nacional, calcando seu discurso em três pilares famosos: igualdade, liberdade e



Estudantes protestam nas ruas na década de 60

fraternidade. Para Hobsbawm, mesmo lutando por mudanças sociais significativas, a Revolução Francesa nada teve de revolucionária. A burguesia era um grupo de moderados de elite que defendia mudanças sociais com a permanência da estrutura vigente. Somente mais de um século depois surgiria uma proposta única e verdadeiramente revolucionária na história dos movimentos sociais: a Revolução Russa.

“Poucas vezes na história alguém soube agarrar com tanta maestria uma oportunidade singular e fugaz, produzindo conseqüências tão relevantes”,

COMENTÁRIO DE JACOB GORENDER
SOBRE A REVOLUÇÃO RUSSA”.

Magnum

Em 1917, uma nova era política estava sendo inaugurada. Diferente do que havia pregado Marx, a Revolução Russa estava surgindo de uma classe de camponeses de um país agrário e pobre. É a segunda vez que a Esquerda toma o poder, mas é a primeira e única proposta da História de se estabelecer uma sociedade completamente nova.

Por esse motivo, Hobsbawm classifica este grupo como uma Esquerda progressista, ou seja, que projeta uma nova estrutura social.

Na Revolução de 1917, a massa foi organizada por um partido com uma formidável capacidade de liderança: o Partido Bolchevique. “Poucas vezes na história alguém soube agarrar com tanta maestria uma oportunidade singular e fugaz, produzindo conseqüências tão relevantes”, comenta o historiador e membro do Comitê Central do PCB, Jacob Gorender. A força do partido bolchevique se reflete na forma impressionante com que seu modelo se propagou pelo mundo. Durante décadas os bolcheviques foram uma cartilha de organização para os trabalhadores em um grande número de países. O projeto político do partido de uma sociedade

igualitária que eliminasse as desigualdades se adequou ao desencanto da humanidade com as propostas de igualdade e fraternidade esquecidas pela classe burguesa.

Nasce a nova Esquerda

Mas, o sonho da igualdade parece ter perdido encanto. Desde 1960, vivemos sob uma nova posição da Esquerda. Diferentemente das outras duas fases, a nova ideologia esquerdista não é marcada por um fato político, mas por um conjunto de fatores sócio-econômicos que serviram para modificar a tendência da Esquerda em todo o mundo - ela se fragmentou e presenciamos o renascer de uma classe oposicionista, mas com propostas que quase a confunde com os setores de Direita.

Politicamente, podemos dizer que o fracasso no projeto de construção de um socialismo real, de uma sociedade espontaneamente justa e igualitária como queriam os socialistas foi o fator determinante para a divisão do movimento socialista em uma ala social-democrata, que seria a nova tendência da Esquerda mundial pós-68. A partir de 1970, a Esquerda mergulhou numa grave crise ocasionada, principalmente, pela melhora nas condições materiais dos trabalhadores. Ou seja, em termos econômicos, o surgimento de uma sociedade de consumo debilitou significativamente o mo-

vimento socialista. Intelectualmente, as mudanças de comportamento e a liberdade de escolha ajudaram a transformar o sonho socialista em pesadelo individualista.

A Esquerda e o neoliberalismo

Com raras exceções, esse é modelo que continua se espalhando e ganhando força em todo o mundo. São posições políticas típicas da Terceira Esquerda. Vejamos qual é a situação da Esquerda no mundo, de 30 anos para cá. França, Portugal, Espanha, Itália e Grécia tiveram os chamados governos euro-socialistas. Todos apresentavam uma alternativa progressista, baseada em movimentos operários ou populares. O economista Perry Anderson, em seu artigo *Balço do Neoliberalismo*, ressalta que, pelo menos Mitterrand, na França, e Papandreou, na Grécia, se empenharam para realizar uma política de deflação e redistribuição de renda, de pleno emprego e proteção social. Mas já em 1982 e 1983, o projeto fracassou: "o governo socialista na França se viu forçado pelos mercados financeiros internacionais a mudar seu curso dramaticamente e reorientar-se para fazer uma política muito próxima à ortodoxia neoliberal, com prioridade para a estabilidade monetária, a contenção do



Jerry Bauer

O historiador marxista Eric Hobsbawm definiu o século XX como sendo o "Século Breve".

orçamento, concessões fiscais aos detentores de capital e abandono do pleno emprego". Perry Anderson diz que, no geral, esses governos regidos pela social-democracia passaram a aplicar políticas neoliberais sem hesitação.

A Espanha, por exemplo, jamais tratou de realizar uma política redistributiva. Desde o início, o governo de González foi favorável às privatizações, passivo ao desemprego de 20% da população ativa, se atendo a uma política monetarista. O caso foi ainda pior na Austrália e na Nova Zelândia.

PANORAMA DO PROGRAMA DO NEOLIBERALISMO

"A prioridade imediata era deter a grande inflação dos anos 70. No conjunto dos países da OCDE - Organização Européia para o Comércio e Desenvolvimento - a taxa de inflação caiu de 8,8% para 5,2%, entre os anos 70 e 80, e a tendência da queda continuou nos anos 90.

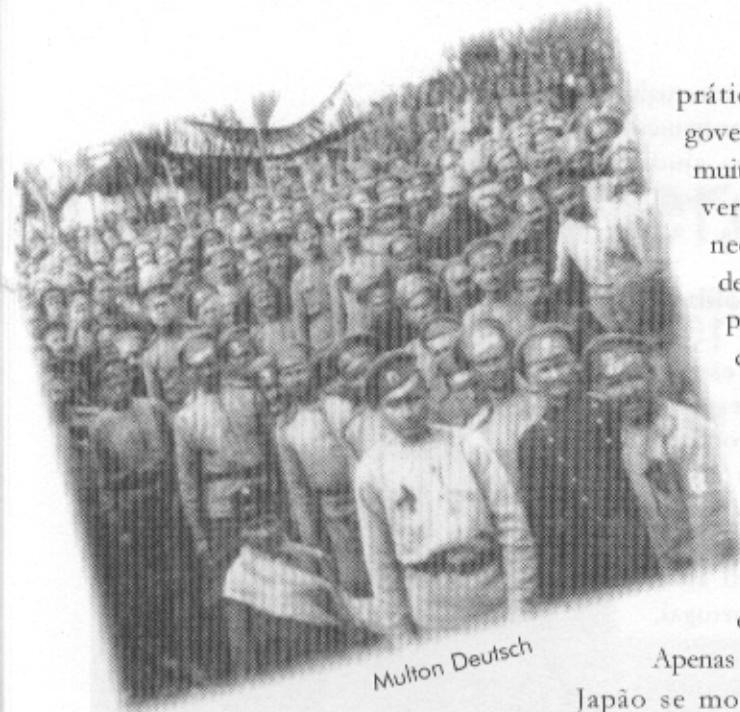
A deflação deveria ser a condição para a recuperação dos lucros. Nos anos 70, a taxa de lucro das indústrias dos países da OCDE caiu cerca de 4,2%, nos anos 80 aumentou 4,7%. Na Europa Ocidental como um todo, a recuperação foi de 5.4 pontos negativos para 5.3 positivos. A razão principal dessa transformação foi, sem dúvida, a derrota do movimento sindical, expressado na queda drástica do número de greves durante os anos 80 e numa notável contenção de salários.

Essa nova postura sindical, muito mais moderada, por sua vez, em grande parte era produto de um terceiro êxito do

neoliberalismo, ou seja, o crescimento das taxas de desemprego, concebido como um mecanismo natural e necessário de qualquer economia de mercado eficiente. A taxa média de desemprego nos países do OCDE era nos anos 70 de 4%, pelo menos, duplicou na década de 80.

Finalmente, o grau de desigualdade - outro objetivo sumamente importante para o neoliberalismo - aumentou significativamente no conjunto dos países do OCDE: a tributação dos salários mais altos caiu 20% em média nos anos 80, e os valores das bolsas aumentaram quatro vezes mais rapidamente que os salários."

Trecho do artigo *Balço do Neoliberalismo*, de Perry Anderson, do livro *Pós-neoliberalismo*, organizado por Emir Sader, publicado pela Editora Contraponto.



Multon Deutsch

Rússia, 1917:
"Operários de Todo o Mundo,
Uni-vos!"

"Em termos econômicos, o surgimento de uma sociedade de consumo debilitou significativamente o movimento socialista. Intelectualmente, as mudanças de comportamento e a liberdade de escolha ajudaram a transformar o sonho socialista em pesadelo individualista".

Nos países pós-comunistas do Leste Europeu partidos ex-comunistas ganharam as eleições após governos de prática neoliberal extremistas, "mas, na

prática, suas políticas no governo não se distinguem muito daquelas de seus adversários declaradamente neoliberais. A deflação, a desmontagem de serviços públicos, as privatizações de empresas, o crescimento do capital corrupto e a polarização social seguem, um pouco menos rapidamente porém com o mesmo rumo", afirma o economista.

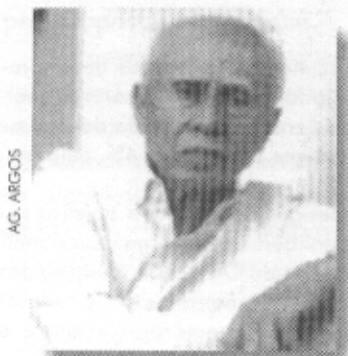
Apenas a Suécia, a Áustria e o Japão se mostraram resistentes à onda neoliberal no fim dos anos 80. A conferência originária desse artigo de Perry Anderson aconteceu em setembro de 1994 e já nessa época ele percebia que o Japão, e também a Índia, não estão mais tão imunes à pressão neoliberal. Ele lembra que qualquer balanço atual do neoliberalismo é provisório por ainda estar em andamento, mas mesmo assim deixa seu recado com uma analogia estarrecedora: "Trata-se [o neoliberalismo] de um corpo de doutrina coerente, autoconsciente, militante, lucidamente decidido a transformar todo o mundo à sua imagem, em sua ambição estrutural e sua extensão

internacional. Eis aí algo muito (...) parecido ao movimento comunista de ontem (...)."

Frente a esse caráter revolucionário da Direita, restam poucas opções para a Esquerda. Para ela deixar a posição reativa e assumir a propositividade, uma saída é aceitar os novos paradigmas para a partir deles formular sua proposta - voltar o relógio não é possível. Mas o que acontece, atualmente, é essa Esquerda que quer fazer o relógio voltar, como teoriza Hobsbawm, é uma Esquerda paradoxalmente conservadora. Diante desse quadro, podemos afirmar que o capitalismo venceu e Marx foi apenas um sonhador? É o fim da utopia? Para Jacob Gorender, o crescente processo de globalização e desenvolvimento tecnológico devem ser desviados para a construção do sonho socialista. Devem servir como uma injeção de ânimo nos setores de Esquerda. "A globalização, que hoje é capitalista, pode servir amanhã à formação de um sistema socialista mundial. Ao invés de desistir do projeto marxista, seria o caso de insistir nele tanto ou ainda mais do que antes", ensina Gorender. Fica a mensagem para os futuros revolucionários!



JACOB GORENDER



AG. ARGOS

"O capitalismo se encontra hoje consideravelmente mais amadurecido para a realização da transição socialista do que na primeira metade do século XX. Dentro do envoltório do modo de

trabalho, que Marx definiu como premissas materiais do socialismo. A terceira revolução tecnológica viabilizou enormemente as tarefas de planejamento e controle, imprescindíveis a uma economia socialista. A globalização, que hoje é capitalista, pode servir amanhã à formação de um sistema socialista mundial. Ao invés de desistir do projeto marxista, seria o caso de insistir nele tanto ou ainda mais que antes."

produção capitalista, avançara, a passos velozes a centralização dos meios de produção e a socialização do

Trcho do livro *Marxismo sem utopia*, de Jacob Gorender, publicado pela Editora Ática.